

# FRENTE-A-FRENTE COM O MINOTAURO EM SEU LABIRINTO

*Marli Salete Henicka, mestranda PPGAV-UDESC<sup>1</sup>*

## Resumo

Este texto foi escrito como exigência parcial para o Seminário de Pesquisa I do curso de Mestrado do PPGAV-UDESC (Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina). Tem por referência as aulas ministradas pela professora Rosângela Cherem no semestre 2016-1 em diálogo com excertos dos textos, *Escrever*, de Marguerite Duras; *Viver a Tese é preciso*, de Maria Ester de Freias; e *A "revisão da bibliografia" em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno*, de Alda Judith Alves-Mazzotti.

**Palavras-chave: Escrever. Dissertação. Normas técnicas.**

ISSN: 2175-2346

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UDESC), bolsista CAPES. Participado grupo de pesquisa História da arte: Imagem-Acontecimento liderado por Rosângela Miranda Cherem e Sandra Makowiecky.

## Encarando o Minotauro

*Escrever.  
 Não posso.  
 Ninguém pode.  
 É preciso dizê-lo: não se pode.  
 E escreve-se;  
 Marguerite Duras*

Lançar-se numa pesquisa de mestrado é algo como estar sozinha no centro do labirinto de Creta frente-a-frente com um monstro que é preciso vencer: as dúvidas e incertezas das leituras; o não-saber que caminho tomar; a impaciência com o tempo perdido; o cansaço e o desespero das noites sem dormir. Mas, além de vencer o Minotauro, é necessário ainda percorrer o labirinto que nos separa da dissertação perfeita e entregue no prazo: o texto. Há que se escrever para sair daqui e isso significa desenrolar o fio de Ariadne – assim como Teseu o fez – para encontrar a saída diante de uma página em branco. E não é tarefa fácil, como bem sabemos. Mesmo que afirme que nunca teve medo do medo de escrever, ainda assim para a premiada escritora francesa, Marguerite Duras, escrever pode ser algo estranho, que obstina, paralisa e exige força:

A escrita torna-nos selvagens. Regressamos a uma selvajaria de antes da vida. E reconhecemo-la sempre, é a das florestas, tão velha como o tempo. A do medo de tudo, distinta e inseparável da própria vida. Ficamos obstinados. Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso sermos mais fortes que nós para abordar a escrita, é preciso ser-se mais forte do que aquilo que se escreve. E uma coisa estranha, sim.<sup>1</sup>

Mas por onde começar a pesquisa ou, em nossa analogia, como se faz para atacar o Minotauro? Indicam os manuais que o primeiro passo é pela revisão bibliográfica que deve servir tanto para contextualizar o problema da pesquisa dentro da área de estudo como para a análise do referencial teórico – e é nesse ponto que nos encontramos agora. *A má qualidade da revisão da literatura compromete todo o estudo, uma vez que não se constitui em uma seção isolada, mas ao contrário tem por objetivo iluminar o caminho a ser trilhado pelo pesquisador (..)* coloca a professora Alda Judith Alvez-Mazzotti<sup>2</sup>. Além da consulta aos livros, em geral indicados pelo orientador, ferramentas de busca e bancos de dados de artigos, dissertações e teses estão disponíveis na internet. *A produção do conhecimento não é um empreendimento isolado. É uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca na qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema*, completa. A produção acadêmica – dissertação, ou artigo, ou tese – funciona como um elo entre os pesquisadores que antecederam e os que virão. Por este motivo exige normas de padronização e regras de formatação – contendo elementos como título, sumário,

<sup>1</sup> DURAS, Marguerite. *Escrever*, tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Rocco, 1994. (p. 24)

<sup>2</sup> ALVEZ-MAZZOTTI, Alda. Judith. A "revisão da bibliografia" em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In BIANCHETTI, I. & MACHADO, A. M.N. (orgs.) *A Bússola do Escrever*. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC. 2006, pp. 25-44.

apresentação, capítulos e bibliografia, além de referências e corretas citações de fontes de consulta que podem indicar caminhos para novas pesquisas.



Teseu e o Minotauro (detalhe), Maître des Cassoni Campana, 1500-1525, óleo sobre painel, 69 x 155 cm, Musée du Petit Palais, Avignon

Uma tese (ou dissertação, no nosso caso) é *um projeto especial, sem demérito aos demais, que mobiliza todas as forças do sujeito, pois trata-se de uma tarefa antissocial e excludente, desestabilizadora das certezas intelectuais, comportamentais e emocionais*, como afirma Maria Ester de Freitas no texto *Viver a tese é preciso*<sup>3</sup>, no qual, justamente, discorre sobre o momento especial que os pós-graduandos vivem dentro e fora da academia. Das renúncias da vida social e familiar que se veem obrigados a fazer; dos prazeres e desencantos. Mas também da camaradagem que se desenvolve entre os colegas ou com quem já passou por isso: estamos todos no mesmo barco, não nos apavoremos.

Mas a pesquisa também é devir, é sentir o prazer das descobertas e do aprendizado. E, para isso, há que se perder nos seus labirintos para se chegar lá e sim, existe saída. É um período de clausura, desmesuras e errâncias, nas palavras da Professora Rosângela Cherem em aulas ministradas durante o Seminário de Pesquisa I no curso de Mestrado do PPGAV-UDESC. Nas quais ela recomendou ainda: *encontre interlocutores, busque inspiração, faça muitas anotações, monte seu arquivo, aperfeiçoe um sumário, evite a dispersão, tenha paciência, busque o complexo e evite o superficial, atenção ao uso das evidências e ao manuseio da informação e prepare-se para o inadiável momento da redação*<sup>4</sup>.

O texto de uma dissertação, diferentemente dos textos literários, deve respeitar certas normas de formatação, como vimos anteriormente, mesmo assim, tanto a produção acadêmica como a literária exigem técnica, entrega, apuro e descobertas.

3 FREITAS, Maria Ester. Viver a tese é preciso In BIANCHETTI, I. & MACHADO, A. M.N. (orgs.) A Bússola do Escrever. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC. 2006, pp. 214-226.

4 Aulas ministradas pela professora Rosângela Cherem no período março-abril 2016 no Seminário de Pesquisa I, do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV-UDESC).

Trazemos aqui alguns excertos do livro *Escrever*, de Marguerite Duras, onde a autora apresenta suas experiências como escritora e o certo entrelaçamento que há entre ela, seus livros e a casa onde mora e escreve e onde às vezes se perde. Marguerite ressalta, principalmente, a necessidade de ficar só: *a solidão da escrita é uma solidão sem a qual o escrito não se produz* (p. 14). *É sempre necessária uma separação das pessoas que rodeiam aquele que escreve livros. É uma solidão. É a solidão do autor, a da escrita* (p. 15). E completa: *não encontramos a solidão, fazemo-la. A solidão faz-se só. Eu fi-la.* (p. 17) *Nunca ninguém escreveu a duas vozes.* (p. 23)<sup>5</sup>

Por outro lado, para Marguerite Duras, *escrever também é não falar. É calar. É gritar sem ruído (...) é impossível falar a alguém de um livro que se escreveu, e sobretudo que se está a escrever. Porque um livro é o desconhecido, é a noite, é fechado, é assim.* (p. 29). *Também: se soubéssemos alguma coisa do que vamos escrever antes de o fazer, antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena* (p. 55)<sup>6</sup>

E é o fazer valer a pena, o foco do mestrando em sua lida, e viver uma dissertação ou tese é viver em eterna batalha para vencer o Minotauro e o labirinto, ao mesmo tempo, fazendo valer a pena todo o esforço da pesquisa e do texto para si, para a academia e para a sociedade (que sustenta a universidade pública). Situação em que se convive diariamente com o sussurro do demônio de Nietzsche em *O eterno retorno* ao pé do ouvido:

“Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez, e tu com ela, poeirinha da poeira!”.<sup>7</sup>

## Referências bibliográficas

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda. Judith. 2006. “A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno .” Em *A Bússola do Escrever*, por I. & MACHADO, A. M.N. (orgs.) BIANCHETTI, pp. 25-44. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC.

DURAS, Marguerite. 1994. *Escrever*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Rocco.

FREITAS, Maria Ester. 2006. “Viver a tese é preciso .” Em *A Bússola do Escrever*, por I. & MACHADO, A. M.N. (orgs.) BIANCHETTI, pp. 214-226. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. 1987. *Obras Incompletas - Vol I*. 4ª Ed. São Paulo: Nova Cultural.

5 DURAS, M. Op. Cit.

6 Idem.

7 NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas - Vol I*, 4ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, p. 164-165.